

ALDEIA VELHA

Sidney China



ALDEIA VELHA (a fazenda)

Numa sombria manhã, muito cedo, ainda de madrugada, um tropeiro que passava em frente a fazenda e vendo que eu, um garoto, ainda criança o observava, gritou: -Breve findará esse olor! Não haverá “jardineira” nem “primavera” Nenhum mugir de gado hás de ouvir e não verás pela janela ao entardecer o sol sumir no horizonte, por trás do pé de sapoti.

Sabia ele, a previsão do viajante, mas, não do coração de um sonhador.

A tarde, de dedo em riste, um mascate, que viera fazer umas vendas aos moradores da fazenda me falou: um dia cai essa cancela! Não temerás mais que tua vilela, seja apanhada pelo leão, te esquecerás do alazão, do Marajó, da Aldeia Velha.

Sabia ele a profecia de um ancião Mas não do coração de um poeta!

No fim da tarde, na boquinha da noite, quando a dor se antecipava, uma velha cigana nos visitou e depois das leituras de mãos, me chamou a um canto e me segredou: -passará feito um raio esse momento, te sobrarão a lembrança, a saudade, o lamento e o silencio da alvorada, Sabia ela, a verdade dos videntes e também do coração de um pensador. Naquela manhã fatídica, foi assassinado o fazendeiro pela própria esposa, que em seguida cometeu o suicídio, os filhos se reuniram, fizeram os funerais e em poucos dias, fizeram a partilha e venderam a Aldeia Velha e tudo se acabou, exceto:a lembrança, a saudade, o lamento e o silencio da alvorada.